

MARCANDO TERRITÓRIO

Texto crítico a respeito da ação de Guilherme Peters na MOSTRA VERBO/2010

Por Biagio Pecorelli.

Desde que Marcel Duchamp apresentou na exposição da *Society of Independent Artists* (New York), em 1917, um vulgar urinol de porcelana como “obra de arte”, a estratégia de destacar da vida cotidiana objetos comuns e recontextualizá-los no âmbito artístico tornou-se, pouco a pouco, uma espécie de pedra angular daquilo que, décadas depois, passaríamos a denominar “arte contemporânea”. Hoje em dia, não se questiona mais (salvo nalguns nichos de extremo conservadorismo) a contingência essencial do signo, e que não há, a rigor, critério estético capaz de definir em si uma obra de arte. De certo modo, ainda mais depois da vida e morte de um Andy Warhol, o artista já não precisa ser o gênio capaz de criar do nada, com seu dom magistral ou notável apuro técnico. Qualquer objeto preexistente (ou ação, no caso da *performance*) é passível de ser simplesmente escolhido, levado à galeria, assinado pelo artista, exposto como obra (*ready-made*), articulado a um conceito e pronto. Aquilo que representou, na época de *Fountain*, um escandaloso ato de rebeldia da vida contra a arte e, em verdade, um grande deboche ao ideal de “arte pela arte”, hoje é um recurso artístico mais que comum e amplamente aceito.

Acompanhei o passo a passo da instalação das duas rampas (sem *drop*) de Guilherme Peters na MOSTRA VERBO 2010 pensando nisso. Naqueles instantes realizava-se a velha mágica semiótica duchampiana. Acrescente-se uma mesa de som à qual foram instalados alguns pedais capazes de produzir ruídos bem incômodos e quatro ou cinco skatistas a postos. Não há música, nem pintura formal. A “obra de arte” ficou para trás. Há um barulho maravilhoso e um regime de produção do caos no interior do cubo branco. Sua arquitetura é modificada não ainda pelas rampas encostadas nas paredes, mas pelos skatistas (dentre eles, o próprio Peters) que enfim se apoderam do espaço e se danam a andar, vertiginosamente, de uma rampa à outra, voando alto, produzindo sua cinética, suando enfim: gerando calor. Os corpos caem, os skates escapam dos pés, as manobras quase sempre dão errado, o que importa? Estamos todos aqui para presenciar uma brincadeira com o limite. Gritos de adrenalina. O público à volta, já esqueceu que ainda estamos numa galeria, isso não é uma cava *underground* da cidade de São Paulo. Ou é.

Peters tem no skate um objeto performático cotidiano, vê-se a intimidade que tem com ele. E não fora esta a primeira vez que levou a prática às suas ações em galeria. Em *Over The Top* (2008) saltou de skate diversas vezes por cima de uma pilha de livros de história da arte que ia crescendo

até derrubá-lo (junto com os livros, claro). Ano passado, na própria VERBO, Peters apresentou *Tentativa de evocar o espírito de Joseph Beuys ao redor deste espaço* (2009), agregando ainda feltro, cobre e banha, materiais caríssimos à obra do maior ícone da *performance art*. Em ambas as ações, o tema da produção de calor e do esforço físico de um corpo-radical sobre rodas fora estruturante, o que torna o registro destas ações, como o próprio Peters reflete, mais a prova da frieza da nossa ausência do que uma forma tardia de testemunhar o passado.

Da ação deste ano, intitulada *Marcando Território* (2010), resultou, além das marcas das rodas nas paredes do cubo (ex) branco, calor. Muito calor, sujeira e barulho. Tudo junto foi quase igual a não-arte. Criou a fronteira de um espaço-tempo ritual, uma celebração do skate — não uma obra de arte exata, genial, sagrada. Sagrada talvez, uma sacralidade pagã e caótica. Não a sacralidade dos anjos, mas a do corpo carnal e presente, irrepresentável, e de uma cultura que já não é marginal e tem lá seus ritos — a um só tempo, atuais e primitivos. Ao longo de mais de uma hora de ação, aquele caloroso transe fez o seu estrago, contextualizando numa mostra risonhamente galerista, limitada a um público de “entendidos” como eu, a performatividade que já é inerente à prática do skate e à própria vida. Se “o que está dentro fica, o que está fora se expande”, o que vem de fora para dentro deixa suas marcas (e se vai).